



Membros do grupo *Shining Mothers*, um grupo comunitário de mulheres que ajuda a ensinar habilidades empresariais e a aumentar a conscientização de seus direitos. As *Shining Mothers* discutem questões que as afetam em sua comunidade e levam estas em reuniões públicas para garantir que sua voz seja ouvida pelo governo local. Kawangware, Nairobi, Quênia. 2016. Foto: Allan Gichigi / Oxfam

UMA ECONOMIA PARA OS 99%

Chegou a hora de promovermos uma economia humana que beneficie todas as pessoas, não apenas algumas

Novas estimativas indicam que o patrimônio de apenas oito homens é igual ao da metade mais pobre do mundo. Enquanto o crescimento beneficia os mais ricos, o restante da sociedade – especialmente os mais afetados pela pobreza – sofrem. O desenho e a estrutura das nossas economias e os princípios que dão base a decisões econômicas nos levaram a essa situação extrema, insustentável e injusta. Nossa economia precisa parar de recompensar excessivamente os mais ricos e começar a funcionar em prol de todas as pessoas. Governos responsáveis e visionários, empresas que trabalham no interesse de trabalhadores e produtores, valorizando o meio ambiente e os direitos das mulheres, e um sistema robusto de justiça fiscal são elementos fundamentais para essa economia mais humana.

UMA ECONOMIA PARA OS 99%

Já se passaram quatro anos desde que o Fórum Econômico Mundial identificou o aumento da desigualdade econômica como uma grande ameaça à estabilidade social¹ e três anos desde que o Banco Mundial vinculou seu objetivo de erradicar a pobreza à necessidade de se promover uma prosperidade compartilhada.² Desde então, e embora lideranças mundiais tenham se comprometido a alcançar um objetivo global de reduzir a desigualdade, o fosso entre os ricos e o restante da sociedade aumentou. Essa situação não pode ser mantida. Como o presidente Obama afirmou no seu discurso de despedida na Assembleia Geral da ONU em setembro de 2016, "um mundo no qual 1% da humanidade controla uma riqueza equivalente à dos demais 99% nunca será estável".

No entanto, a crise de desigualdade global continua inabalável:

- Desde 2015, o 1% mais rico detinha mais riqueza que o resto do planeta.³
- Atualmente, oito homens detêm a mesma riqueza que a metade mais pobre do mundo.⁴
- Ao longo dos próximos 20 anos, 500 pessoas passarão mais de US\$ 2,1 trilhões para seus herdeiros – uma soma mais alta que o PIB da Índia, um país que tem 1,2 bilhão de habitantes.⁵
- A renda dos 10% mais pobres aumentou cerca de US\$ 65 entre 1988 e 2011, enquanto a dos 1% mais ricos aumentou cerca de US\$ 11.800, ou seja, 182 vezes mais.⁶
- Um diretor executivo de qualquer empresa do índice FTSE-100 ganha o mesmo em um ano que 10.000 pessoas que trabalham em fábricas de vestuário em Bangladesh.⁷
- Nos Estados Unidos, uma pesquisa recente realizada pelo economista Thomas Piketty revela que, nos últimos 30 anos, a renda dos 50% mais pobres permaneceu inalterada, enquanto a do 1% mais rico aumentou 300%.⁸
- No Vietnã, o homem mais rico do país ganha mais em um dia do que a pessoa mais pobre ganha em dez anos.⁹

Se nada for feito para combatê-la, a desigualdade crescente pode desintegrar nossas sociedades. Ela aumenta a criminalidade e a insegurança e mina o combate à pobreza.¹⁰ Ela gera mais pessoas vivendo com medo do que com esperança.

O resultado do plebiscito Brexit, a vitória de Donald Trump na eleição presidencial nos Estados Unidos, o aumento preocupante do racismo e a desilusão generalizada com a política tradicional indicam cada vez mais que um número crescente de pessoas nos países ricos não está mais disposto a tolerar o *status quo*. Por que elas deveriam tolerá-lo, já que a experiência indica que a situação atual gera estagnação de salários, empregos precários e um fosso cada vez maior entre ricos e pobres? O desafio é o de construir uma alternativa positiva – e não um modelo que acentua as divisões.

O cenário nos países pobres é complexo na mesma medida e tão preocupante quanto. Centenas de milhões de pessoas foram retiradas da pobreza nas últimas décadas, o que representa uma conquista da qual o mundo deve se orgulhar. No entanto, uma em cada nove pessoas ainda vai dormir com fome¹¹. Se a desigualdade não tivesse aumentado ao longo desse período, outras 700 milhões de pessoas, a maioria mulheres, não estariam vivendo em condições de pobreza atualmente.¹² Pesquisas indicam que três quartos da extrema pobreza poderiam ser efetivamente eliminados imediatamente usando recursos já disponíveis, aumentando a tributação e reduzindo gastos militares e outros gastos regressivos.¹³ O Banco

“O fosso entre os pobres e ricos no Quênia é muito humilhante em alguns casos. É terrível ver que nada mais que uma parede separa pessoas ricas das da classe baixa. Vemos alguns de seus filhos dirigindo carros e, quando passam por nós, ficamos coberto de poeira ou, se estiver chovendo, espirram água sobre nós ao passar”

Jane Muthoni, membro do grupo *Shining Mothers* (Mães que Brilham)

Mundial deixou claro que, sem redobrar seus esforços para combater a desigualdade, as lideranças mundiais não alcançarão o objetivo de erradicar a extrema pobreza até 2030.¹⁴

A situação poderia ser diferente. As reações populares à desigualdade não precisam aumentar as divisões. O relatório *Uma economia para os 99%* analisa como grandes empresas e pessoas super-ricas estão acirrando a crise da desigualdade e o que pode ser feito para mudar essa situação. Ele considera as falsas premissas que têm nos levado por esse caminho e mostra como podemos criar um mundo mais justo, baseado em uma economia mais humana – uma economia na qual as pessoas, não os lucros, são mais importantes e que prioriza os mais vulneráveis.

AS CAUSAS DA DESIGUALDADE

Não há como negar que os grandes vencedores da nossa economia global são os que estão no topo da distribuição da renda. Pesquisas realizadas pela Oxfam revelam que, nos últimos 25 anos, o 1% mais rico da população mundial teve uma renda mais alta que os 50% mais pobres.¹⁵ Longe de escorregar para baixo e beneficiar os mais necessitados, a renda e a riqueza estão sendo sugadas para cima a um ritmo alarmante. O que está gerando essa situação? Empresas e indivíduos super-ricos estão desempenhando papel fundamental nesse sentido.

As empresas trabalhando para os que estão no topo

Grandes empresas se saíram bem em 2015/16: seus lucros são altos e as 10 maiores empresas do mundo tiveram receita superior à de 180 países juntos.¹⁶

As empresas constituem a força vital de uma economia de mercado e, quando trabalham em benefício de todos, desempenham papel vital na construção de sociedades justas e prósperas. No entanto, elas estão cada vez mais trabalhando para os ricos e, nesse processo, os benefícios do crescimento econômico são negados aos que mais precisam deles. Nos seus esforços para oferecer retornos elevados aos mais ricos, as empresas pressionam ainda mais seus trabalhadores e fornecedores a acompanhá-las nesse objetivo – e a evitar impostos que beneficiariam a todos, particularmente aos mais afetados pela pobreza.

Arrochando trabalhadores e fornecedores

Enquanto a renda de muitos altos executivos, que são frequentemente remunerados com ações das suas empresas, tem aumentado vertiginosamente, os salários de trabalhadores comuns e a receita de fornecedores têm permanecido praticamente inalterados e, em alguns casos, até diminuído. O diretor executivo da maior empresa de informática da Índia ganha 416 vezes mais que um funcionário médio da mesma empresa.¹⁷ Na década de 1980, produtores de cacau ficavam com 18% do valor de uma barra de chocolate – atualmente, ficam com apenas 6%.¹⁸ Em casos extremos, trabalho forçado ou análogo à escravidão pode ser usado para manter os custos corporativos baixos. A Organização Internacional do Trabalho (OIT) estima que 21 milhões de pessoas são trabalhadores forçados que geram cerca de US\$ 150 bilhões em lucros para empresas anualmente.¹⁹ Todas as maiores empresas de vestuário do mundo têm ligação com fábricas de fiação de algodão na Índia que usam trabalho forçado de meninas rotineiramente.²⁰ Os trabalhadores menos remunerados e que trabalham nas condições mais precárias são, predominantemente, mulheres e meninas.²¹ Em todo o mundo, empresas estão implacavelmente empenhadas em reduzir seus custos com mão de obra – e em garantir que os trabalhadores e fornecedores da sua cadeia de abastecimento fiquem com uma fatia cada vez menor do bolo econômico. Essa situação aumenta a desigualdade e suprime a demanda.

Evasão fiscal

Em parte, as empresas maximizam seus lucros pagando o menos possível em impostos. Elas fazem isso usando paraísos fiscais ou fazendo com que os países concorram uns com os outros na oferta de incentivos e isenções fiscais e de alíquotas tributárias mais baixas. As alíquotas fiscais aplicadas a pessoas jurídicas estão caindo em todo o mundo e esse fato – aliado a uma sonegação fiscal generalizada – permite que muitas empresas paguem o menos possível em impostos. Há relatos de que a Apple pagou apenas 0,005% de imposto sobre seus lucros na Europa em 2014.²³ Os países em desenvolvimento perdem US\$ 100 bilhões por ano com a sonegação fiscal.²⁴ Os países como um todo perdem mais outros bilhões com a concessão de benefícios e isenções fiscais. As pessoas mais afetadas pela pobreza são as que mais perdem, já que são as mais dependentes dos serviços públicos que esses bilhões não arrecadados poderiam financiar. O Quênia perde US\$ 1,1 bilhão por ano em isenções fiscais para empresas: valor quase duas vezes mais alto que o do seu orçamento para a saúde – em um país no qual a probabilidade de mulheres morrerem no parto é de uma em 40.²⁵ O que está impulsionando esse comportamento por parte das empresas? Dois fatores: o enfoque em retornos de curto prazo para seus acionistas e o crescimento do capitalismo da camaradagem .

Super-capitalismo dos acionistas

Em muitas partes do mundo, as empresas estão cada vez mais perseguindo um único objetivo: maximizar os retornos para seus acionistas. Isso implica não apenas maximizar lucros no curto prazo, mas também desembolsar uma parcela cada vez maior desses lucros para seus titulares. No Reino Unido, 10% dos lucros das empresas foram distribuídos aos seus acionistas em 1970; atualmente, esse percentual é de 70%.²⁶ Na Índia, o percentual é mais baixo, mas está crescendo rapidamente e, para muitas empresas, supera 50% atualmente.²⁷ O rápido crescimento do "capitalismo trimestral", com seu impacto negativo sobre nossas economias, tem sido criticado por muitos, inclusive por Larry Fink, diretor executivo da BlackRock (a maior gestora de ativos do mundo)²⁸ e por Andrew Haldane, economista-chefe do Banco da Inglaterra.²⁹ Um retorno maior para acionistas favorece os ricos, porque a maioria desses acionistas é composta pelas pessoas mais ricas da sociedade, o que aumenta a desigualdade. Investidores institucionais, como fundos de pensão, detêm cada vez menos ações de empresas. Trinta anos atrás, fundos de pensão detinham 30% de todas as ações de empresas no Reino Unido; atualmente, detêm apenas 3% delas.³⁰ Cada dólar de lucro passado aos acionistas de empresas é um dólar que poderia ter sido usado para garantir uma remuneração mais alta a produtores ou trabalhadores, pagar mais impostos ou investir em infraestrutura ou inovação.

“Mais e mais líderes empresariais estão priorizando operações que possam gerar retornos imediatos para os acionistas, como recompras ou aumentos de dividendos, ao mesmo tempo em que investem pouco em inovação, em trabalhadores qualificados ou em despesas de capital essenciais para sustentar o crescimento das suas empresas no longo prazo.”²²

Larry Fink, Diretor-
Presidente da empresa
BlackRock

Capitalismo da camaradagem

Conforme documentado pela Oxfam no relatório *Uma Economia para o 1%*,³¹ empresas que atuam em diversos setores – financeiro, extrativista, do vestuário, dos produtos farmacêuticos e outros – usam seu enorme poder e influência para garantir que regulações e políticas nacionais e internacionais sejam formuladas de maneiras que possibilitem a continuidade dos seus lucros. Por exemplo, empresas petrolíferas como a Shell têm promovido um *lobby* intenso na Nigéria para evitar aumentos de impostos sobre seus lucros.³²

Até mesmo o setor de tecnologia, que costumava ser visto como relativamente íntegro, vem sendo cada vez mais acusado de favorecimento ou nepotismo. A Alphabet, a empresa mãe da Google, tornou-se uma das maiores lobistas em Washington e participa constantemente de negociações em torno de regras antitruste e tributação na Europa.³³ O capitalismo da camaradagem beneficia os ricos, pessoas que são titulares e diretores dessas empresas em

detrimento do bem comum e da redução da pobreza. Isso significa que empresas de menor porte precisam lutar para competir e pessoas comuns acabam pagando mais por produtos e serviços controlados por cartéis, pelo poder monopolista de empresas e por pessoas que mantêm estreitas relações com o governo. O terceiro homem mais rico do mundo, Carlos Slim, controla aproximadamente 70% de todos os serviços de telefonia móvel e 65% das linhas fixas do México, custando ao país 2% do PIB.³⁴

O papel dos super-ricos na crise da desigualdade

Sob qualquer ponto de vista, estamos na era dos super-ricos, uma segunda "era dourada" na qual uma fachada enganosa camufla problemas sociais e corrupção. O estudo dos super-ricos realizado pela Oxfam inclui todos os indivíduos com um patrimônio líquido de pelo menos US\$ 1 bilhão. Os 1.810 bilionários (em dólares) incluídos na lista da Forbes de 2016, dos quais 89% são homens, possuem um patrimônio de US\$ 6,5 trilhões – a mesma riqueza detida pelos 70% mais pobres da humanidade.³⁵ Embora as fortunas de alguns bilionários possam ser atribuídas ao seu trabalho duro e talento, a análise da Oxfam para esse grupo indica que um terço do patrimônio dos bilionários do mundo tem origem em riqueza herdada, enquanto 43% podem ser atribuídos ao favorecimento ou nepotismo.³⁶

Uma vez acumuladas ou adquiridas, fortunas desenvolvem uma dinâmica própria. Os super-ricos têm dinheiro para gastar com as melhores orientações de investimento e a riqueza detida por eles desde 2009 vem crescendo a uma taxa média de 11% por ano. Investindo em fundos de cobertura ou em depósitos cheios de obras de arte e carros antigos,³⁸ a indústria altamente sigilosa da gestão da riqueza tem sido extremamente bem-sucedida em aumentar a prosperidade dos super-ricos. A fortuna de Bill Gates aumentou 50%, ou seja, em US\$ 25 bilhões, desde que ele deixou a Microsoft, em 2006, apesar dos seus louváveis esforços para doar uma boa parte desse patrimônio.³⁹ Se os bilionários continuarem a garantir esses retornos para si, é possível que tenhamos o primeiro trilionário do mundo em 25 anos. Em um ambiente desses, se você já é rico precisa se esforçar muito para não continuar enriquecendo muito mais.

As grandes fortunas detidas pelos que estão no topo do espectro da riqueza e da renda evidenciam claramente a crise de desigualdade. No entanto, os super-ricos não são apenas beneficiários passivos dessa crescente concentração de riqueza. Eles a estão perpetuando ativamente.

Seus investimentos são um dos meios pelos quais isso acontece. Por serem alguns dos maiores acionistas conhecidos (especialmente em fundos de investimentos em ações e de cobertura), os membros mais ricos da sociedade são grandes beneficiários do culto a acionistas que está distorcendo o comportamento das empresas.

Sonegando impostos, comprando políticas

Pagar o mínimo possível em impostos é uma estratégia fundamental de muitos dos super-ricos.⁴¹ Para esses fins, eles usam uma rede global secreta de paraísos fiscais ativamente, como revelado pelos chamados *Panama Papers* e outras fontes. Os países competem para atrair os super-ricos, vendendo sua soberania. Os exilados fiscais super-ricos podem optar por uma ampla gama de destinos mundo afora. Com um investimento de pelo menos 2 milhões de libras, é possível comprar o direito de viver, trabalhar e comprar imóveis no Reino Unido, bem como beneficiar-se de generosas isenções fiscais. Em Malta, um importante paraíso fiscal, é possível comprar uma cidadania plena por US\$ 650.000. Gabriel Zucman estimou que uma riqueza de US\$ 7,6 trilhões está escondida em paraísos fiscais *offshore*.⁴² Só a África perde, todos os anos, US\$ 14 bilhões em receitas fiscais em decorrência do uso

“A despeito de qualquer justificativa inicial das desigualdades de riqueza, fortunas podem crescer e se perpetuar além de qualquer justificativa racional em termos da sua utilidade social.”³⁷

Thomas Piketty, economista e autor de *O Capital no século XXI*

“Nenhuma sociedade pode conviver com esse tipo de desigualdade crescente. Na verdade, não há exemplo na história da humanidade de riqueza acumulada nos níveis atuais sem que houvesse uma revolução.”

Nick Hanauer, bilionário e empresário americano⁴⁰

de paraísos fiscais por parte dos super-ricos – segundo cálculos da Oxfam, esse valor seria suficiente para prestar uma assistência de saúde que poderia salvar a vida de quatro milhões de crianças e empregar um número suficiente de professores para colocar todas as crianças africanas na escola. As alíquotas fiscais aplicadas à riqueza e às rendas mais altas continuam a cair em todo o mundo rico. Nos Estados Unidos, a alíquota mais alta do imposto de renda era de 70% até a década de 1980; atualmente, ela não passa de 40%.⁴³ Nos países em desenvolvimento, a tributação aplicada aos ricos é ainda mais baixa: pesquisas realizadas pela Oxfam revelam que a alíquota máxima média é de 30% sobre a renda e que, na maioria dos casos, ela nunca é efetivamente aplicada.⁴⁴

Muitos dos super-ricos também usam seu poder, influência e relações para influenciar círculos políticos e garantir que as regras os favoreçam. Os bilionários do Brasil fazem *lobby* para reduzir impostos⁴⁵ e, em São Paulo, eles preferem ir de helicóptero para o trabalho, evitando os engarrafamentos e problemas infraestruturais enfrentados nas ruas e avenidas da cidade.⁴⁶ Alguns dos super-ricos também usam suas fortunas para ajudar a comprar os resultados políticos que desejam, influenciando eleições e a formulação de políticas públicas. Os irmãos Koch, duas das oito pessoas mais ricas do mundo, têm exercido uma enorme influência sobre políticos conservadores nos Estados Unidos, apoiando muitos centros de estudos e o movimento Tea Party,⁴⁷ além de contribuírem intensamente para desacreditar argumentos em apoio à necessidade de ações diante do fenômeno das mudanças climáticas. Essa influência política ativa dos super-ricos e de seus representantes impulsiona diretamente uma desigualdade maior ao construir "circuitos de realimentação de reforço", que permitem aos vencedores do jogo obterem mais recursos para se saírem ainda melhor em um ciclo seguinte.⁴⁸

AS FALSAS PREMISSAS QUE IMPULSIONAM A ECONOMIA DO 1%

A atual economia do 1% baseia-se em uma série de falsas premissas que fundamentam muitas das políticas, investimentos e atividades de governos, empresas e indivíduos ricos, e que não satisfazem as necessidades de pessoas em situação de pobreza e da sociedade de uma maneira geral. Algumas dessas premissas dizem respeito à economia em si, outras referem-se mais à visão dominante da economia descrita por seus criadores como "neoliberalismo" – que pressupõe, erroneamente, que a riqueza criada no topo "escorrerá para baixo" para todas as demais pessoas. O FMI identificou o neoliberalismo como uma causa fundamental da desigualdade crescente.⁵⁰ A menos que desmistifiquemos essas falsas premissas, não conseguiremos reverter a situação:

- 1. Falsa premissa 1: O mercado está sempre certo e o papel dos governos deve ser minimizado.** Na verdade, não se confirmou que o mercado é o melhor meio de organização e valorização de grande parte da nossa vida em comum ou a melhor base para a definição do nosso futuro comum. Vimos como a corrupção e o favorecimento ou nepotismo distorcem os mercados em detrimento de pessoas comuns e como o crescimento excessivo do setor financeiro exacerba a desigualdade. Temos exemplos práticos de como a privatização de serviços públicos, como de saúde, educação ou abastecimento de água, exclui os pobres, particularmente mulheres pobres.
- 2. Falsa premissa 2: As empresas precisam maximizar seus lucros e retornos para acionistas a todo custo.** A maximização dos lucros aumenta desproporcionalmente a renda dos que já são ricos, gerando pressões desnecessárias para trabalhadores, agricultores, consumidores, fornecedores, comunidades e o meio ambiente. Há, por outro lado, muitas maneiras mais construtivas de se organizar empresas que contribuem para promover mais prosperidade para todos e temos muitos exemplos desse fato na atualidade.

“Em vez de gerar crescimento, algumas políticas neoliberais aumentaram a desigualdade, colocando em risco uma expansão duradoura.”

Fundo Monetário Internacional (FMI)⁴⁹

3. **Falsa premissa 3: A riqueza individual extrema é benéfica e um sinal de sucesso, e a desigualdade não é relevante.** Na verdade, o surgimento de uma nova era dourada, caracterizada pela concentração de grandes fortunas nas mãos de poucos, em sua maioria homens, é economicamente ineficiente, politicamente corrosivo e prejudicial para o nosso progresso coletivo. É necessário que tenhamos uma distribuição mais equitativa da riqueza.
4. **Falsa premissa 4: O crescimento do PIB deve ser o principal objetivo da formulação de políticas.** Na verdade, como Robert Kennedy afirmou em 1968, "o PIB mede tudo, exceto o que faz a vida valer a pena". O cálculo do PIB não computa o trabalho não remunerado realizado por uma enorme quantidade de mulheres em todo o mundo. Ele não leva em consideração a desigualdade, que fica evidente em um país como a Zâmbia, cujo PIB está crescendo a taxas elevadas em um momento no qual o número de pessoas em situação de pobreza no país efetivamente aumentou.
5. **Falsa premissa 5: Nosso modelo econômico é neutro em relação ao gênero.** Na verdade, cortes nos serviços públicos, na segurança no emprego e em direitos trabalhistas afetam mais as mulheres. Um número desproporcionalmente mais alto de mulheres ocupa empregos menos seguros e mais mal remunerados e elas também ficam responsáveis pela maior parte do trabalho não remunerado de cuidar de filhos e de outras pessoas no lar – que não é contabilizado no PIB, mas sem o qual nossas economias não funcionariam.
6. **Falsa premissa 6: Os recursos do nosso planeta são ilimitados.** Além de falsa, essa premissa pode ter consequências catastróficas para o nosso planeta. Nosso modelo econômico baseia-se na exploração do nosso meio ambiente e na desconsideração dos limites do que o nosso planeta pode suportar. É um sistema econômico que colabora intensamente para a ocorrência de mudanças climáticas descontroladas.

"O PIB mede tudo, exceto o que faz a vida valer a pena"⁵¹

Robert Kennedy, 1968

"É impossível melhorar o mundo com tantas pessoas mantidas no fundo"⁵²

Charlotte Perkins Gillman, socialista e sufragista

Essas seis premissas precisam ser desmistificadas rapidamente. Elas são desatualizadas, retrógradas e não conseguiram gerar um ambiente de prosperidade e estabilidade compartilhadas. Elas estão nos empurrando para o abismo. É urgentemente necessário que adotemos uma forma alternativa de administrar nossa economia – para que tenhamos uma "economia humana".

UM ECONOMIA HUMANA PARA OS 99%

Precisamos, juntos, criar um novo senso comum, dar uma reviravolta e desenhar uma economia cujo objetivo principal seja o de beneficiar os 99%, não o 1%. O grupo que mais deve ser beneficiado pelas nossas economias é o das pessoas em situação de pobreza, seja em Uganda ou nos Estados Unidos. A humanidade tem um talento inacreditável, uma riqueza enorme e uma imaginação infinita. Precisamos fazer com que esses elementos operem no sentido de criar uma economia mais humana que beneficie a todos, não apenas uns poucos privilegiados.

Uma economia humana criaria sociedades mais justas, melhores. Ela garantiria empregos seguros que pagam salários decentes. Ela garantiria o mesmo tratamento a homens e mulheres. Ninguém viveria constantemente com medo do custo de ficar doente. Todas as crianças teriam a oportunidade de desenvolver seu potencial. Nossa economia prosperaria dentro dos limites do nosso planeta e garantiria um mundo melhor e mais sustentável para cada nova geração.

Os mercados são um motor essencial para o crescimento e a prosperidade, mas não podemos continuar aceitando a falsa alegação de que o motor é que dirige o carro ou decide qual é a melhor direção a ser tomada. Os mercados devem ser cuidadosamente administrados no interesse de todos para que os resultados do crescimento sejam distribuídos

em bases justas e garantam uma resposta adequada às mudanças climáticas ou serviços de saúde e educação para muitos – principalmente, mas não exclusivamente, nos países mais pobres.

Uma economia humana teria alguns ingredientes fundamentais concebidos para eliminar os problemas que contribuíram para a crise de desigualdade que enfrentamos atualmente. Embora apenas comece a delinear alguns desses ingredientes, este relatório apresenta uma base sólida para a construção de um futuro melhor.

Em uma economia humana:

1. Os governos trabalharão para os 99%. Um governo responsável constitui a maior arma contra a desigualdade extrema e a chave para uma economia humana. Os governos devem escutar a todos, não apenas a uma minoria rica e seus lobistas. Precisamos revitalizar o espaço cívico, especialmente para que as vozes das mulheres e de grupos excluídos sejam ouvidas. Quanto mais responsáveis nossos governos, mais justas nossas sociedades serão.

2. Os governos cooperarão, ao invés de apenas competir. A globalização não pode continuar a promover uma corrida implacável para baixo em relação a direitos trabalhistas e fiscais, que só beneficia os mais ricos. Precisamos pôr fim à era dos paraísos fiscais de uma vez por todas. Os países devem cooperar uns com os outros, em bases iguais, no sentido de construir um novo consenso mundial e um ciclo virtuoso que garanta que empresas e pessoas ricas paguem impostos justos, que o meio ambiente seja protegido e que os trabalhadores sejam bem remunerados.

3. As empresas trabalharão em benefício de todos. Os governos devem apoiar modelos de negócios que impulsionem claramente um tipo de capitalismo que beneficie a todos e apoie um futuro sustentável. O produto da atividade empresarial deve beneficiar os que o possibilitaram e criaram – a sociedade, os trabalhadores e comunidades locais. É preciso dar um basta ao *lobby* empresarial e à compra da democracia. Os governos devem tomar as medidas necessárias para garantir que as empresas paguem salários e impostos justos e assumam a responsabilidade por seu impacto sobre o planeta.

4. A extrema riqueza será eliminada para que a extrema pobreza possa ser erradicada. A era dourada dos dias atuais está minando o nosso futuro e precisa ser encerrada. Medidas precisam ser tomadas no sentido de que os mais ricos contribuam para a sociedade em bases justas e não continuem a usufruir de privilégios injustos sem que nada seja feito a respeito. Para esse fim, a tributação aplicada aos ricos deve ser justa: precisamos aumentar os impostos sobre a riqueza e grandes rendas para garantir condições mais iguais para todos e reprimir com vigor a sonegação fiscal por parte dos super-ricos.

5. A economia operará em favor de homens e mulheres igualmente. A igualdade de gênero estará no centro da economia humana, garantindo que as duas metades da humanidade tenham as mesmas oportunidades na vida e condições de ter uma vida gratificante. Barreiras que impedem o avanço das mulheres, negando-lhes acesso a serviços de educação e saúde, por exemplo, serão eliminadas para sempre. As normas sociais deixarão de determinar o papel da mulher na sociedade e, particularmente, seu trabalho não remunerado de cuidar de crianças e outras pessoas no lar será reconhecido, reduzido e redistribuído.

6. A tecnologia será colocada a serviço dos 99%. Novas tecnologias têm um enorme potencial de transformar nossas vidas para melhor. Isso só acontecerá com a intervenção ativa dos governos, especialmente no controle das tecnologias. Pesquisas governamentais já estão impulsionando algumas das maiores inovações da atualidade (inclusive o telefone

inteligente, ou *smartphone*). Os governos devem intervir no sentido de garantir que a tecnologia contribua para reduzir a desigualdade, não para aumentá-la.

7. A economia será movida por energias renováveis sustentáveis. Combustíveis fósseis têm impulsionado o crescimento econômico desde a era da industrialização, mas eles são incompatíveis com uma economia que efetivamente prioriza as necessidades da maioria. A poluição do ar provocada pela queima de carvão causa milhões de mortes prematuras em todo o mundo, enquanto a devastação causada pelas mudanças climáticas afeta mais intensamente os mais pobres e mais vulneráveis. Energias renováveis sustentáveis podem garantir o acesso universal à energia e promover o crescimento do setor energético respeitando os limites do nosso planeta.

8. O que realmente importa será valorizado e mensurado. Além do PIB, precisamos mensurar o progresso humano com base nas diversas medidas alternativas disponíveis. Essas novas medidas devem levar plenamente em consideração o trabalho não remunerado das mulheres em todo mundo. Elas devem refletir não apenas a escala da atividade econômica, mas também como a renda e a riqueza são distribuídas. Elas devem estar estreitamente relacionadas à sustentabilidade e ajudar a construir um mundo melhor na atualidade e para gerações futuras. Isso nos permitirá aferir o verdadeiro progresso das nossas sociedades.

Podemos e precisamos construir uma economia humana antes que seja tarde demais.

NOTAS

- 1 Fórum Econômico Mundial, (2012), "Global Risk Report 2012", http://reports.weforum.org/global-risks-2012/?doing_wp_cron=1478086016.0533339977264404296875
- 2 Banco Mundial (2015). "A Measured Approach to Ending Poverty and Boosting Shared Prosperity: Concepts, Data, and the Twin Goals". Policy Research Report. Washington, DC: Banco Mundial. doi:10.1596/978-1-4648-0361-1. <http://www.worldbank.org/en/research/publication/a-measured-approach-to-ending-poverty-and-boosting-shared-prosperity>
- 3 Banco Credit Suisse (2016) "Global Wealth Databook 2016". <http://publications.credit-suisse.com/tasks/render/file/index.cfm?fileid=AD6F2B43-B17B-345E-E20A1A254A3E24A5>
- 4 Cálculos da Oxfam baseados na riqueza dos indivíduos mais ricos segundo a lista anual de bilionários da Forbes e a riqueza dos 50% mais pobres segundo o relatório *Global Wealth Databook* do Banco Credit Suisse (2016)
- 5 UBS *Billionaire's Report* de setembro de 2016 <http://uhnw-greatwealth.ubs.com/media/8616/billionaires-report-2016.pdf>
- 6 D. Hardoon, S. Ayele, e Fuetes Nieva, R., (2016), "Uma Economia para o 1%". Oxford: Oxfam. <http://policy-practice.oxfam.org.uk/publications/an-economy-for-the-1-how-privilege-and-power-in-the-economy-drive-extreme-inequ-592643> Versão em português disponível em https://www.oxfam.org.br/noticias/relatorio_davos_2016
- 7 Cálculos da *Ergon Associates* baseados em dados sobre os salários de diretores-presidentes estimados pelo *High Pay Centre* e os pacotes médios de benefícios oferecidos a trabalhadores.
- 8 P. Cohen. (2016, December 6). 'A Bigger Economic Pie, but a Smaller Slice for Half of the U.S.'. *New York Times*. <http://www.nytimes.com/2016/12/06/business/economy/a-bigger-economic-pie-but-a-smaller-slice-for-half-of-the-us.html?smid=tw-nytimesbusiness&smtyp=cur><http://www.nytimes.com/2016/12/06/business/economy/a-bigger-economic-pie-but-a-smaller-slice-for-half-of-the-us.html?smid=tw-nytimesbusiness&smtyp=cur><http://www.nytimes.com/2016/12/06/business/economy/a-bigger-economic-pie-but-a-smaller-slice-for-half-of-the-us.html?smid=tw-nytimesbusiness&smtyp=cur>
- 9 Nguyen Tran Lam. (2017, no prelo), "Even It Up: How to tackle inequality in Vietnam". Oxfam.
- 10 E. Seery and A. Caistor Arendar. (2014). "Even it up: Time to end extreme inequality". Oxford: Oxfam. https://www.oxfam.org/sites/www.oxfam.org/files/file_attachments/cr-even-it-up-extreme-inequality-291014-en.pdf.
- 11 O Programa Mundial de Alimentos estima que 795 milhões de pessoas no mundo não têm comida suficiente para levar uma vida saudável. Isso é cerca de uma em cada nove pessoas na terra. <https://www.wfp.org/hunger/stats>
- 12 D. Hardoon and J. Slater. (2015). "Inequality and the end to extreme poverty". Oxford: Oxfam. <http://policy-practice.oxfam.org.uk/publications/inequality-and-the-end-of-extreme-poverty-577506>
- 13 C. Hoy and A. Sumner. (2016). "Gasoline, Guns, and Giveaways: Is There New Capacity for Redistribution to End Three Quarters of Global Poverty?". Documento de Trabalho 433 do Centro para o Desenvolvimento Global. <http://www.cgdev.org/sites/default/files/gasoline-guns-and-giveaways-end-three-quarters-global-poverty-0.pdf>
- 14 Banco Mundial (2016), "Poverty and Shared Prosperity 2016: Taking on Inequality", Washington DC: Banco Mundial doi:10.1596/978-1-4648-0958-3. <http://www.worldbank.org/en/publication/poverty-and-shared-prosperity>
- 15 D. Hardoon, S. Ayele and R. Fuentes-Nieva (2016), "Uma Economia para o 1%". op. cit.
- 16 Global Justice Now. "Corporations vs governments revenues: 2015 data". http://www.globaljustice.org.uk/sites/default/files/files/resources/corporations_vs_governments_final.pdf
- 17 M. Karnik. (6 de Julho de 2015). "Some Indian CEOs make more than 400 times what their employees are paid". Site da *Quartz India*. <http://qz.com/445350/heres-how-much-indian-ceos-make-compared-to-the-median-employee-salary/>
- 18 Site da campanha Make Chocolate Fair: <https://makechocolatefair.org/issues/cocoa-prices-and-income-farmers-0>
- 19 Protocolo da OIT relativo à Convenção sobre o Trabalho Forçado de 2014. http://www.ilo.org/dyn/normlex/en/f?p=NORMLEXPUB:12100:0::NO::P12100_ILO_CODE:P029
- 20 As empresas implicadas em um estudo realizado em 2012 pela ONG Anti-Slavery International intitulado "Slavery on the High Street: Forced labour in the manufacture of garments for international brands" incluem Asda-Walmart (Reino Unido/Estados Unidos), Bestseller (dinamarquesa), C&A (alemã/belga), H&M (sueca), Gap (americana), Inditex (espanhola), Marks and Spencer (Reino Unido), Mothercare (Reino Unido) e Tesco (Reino Unido) http://www.antislavery.org/includes/documents/cm_docs/2012/s/1_slavery_on_the_high_street_june_2012_final.pdf
- 21 F. Rhodes, J. Burnley, M. Dolores et. al. (2016). "Underpaid and Undervalued: How inequality defines women's work in Asia". Oxford: Oxfam. <http://policy-practice.oxfam.org.uk/publications/underpaid-and-undervalued-how-inequality-defines-womens-work-in-asia-611297>

- 22 Veja em: <http://www.businessinsider.com/larry-fink-letter-to-ceos-2015-4?IR=T>
- 23 L. Browning and D. Kocieniewski. (2016, September 1). "Pinning Down Apple's Alleged 0.005% Tax Rate Is Nearly Impossible". Bloomberg Technology (site). <https://www.bloomberg.com/news/articles/2016-09-01/pinning-down-apple-s-alleged-0-005-tax-rate-mission-impossible>
- 24 E. Crivelli, R. De Mooij and M. Keen. (2015). "Base Erosion, Profit Shifting and Developing Countries". Documento de Trabalho do FMI, WP/15/118. <https://www.imf.org/external/pubs/ft/wp/2015/wp15118.pdf>
- 25 Kenya losing \$1.1bn, or 100bn Kenya Shillings to tax exemptions; extraído de um relatório da ONG Tax Justice Network. http://www.taxjustice.net/cms/upload/pdf/kenya_report_full.pdf Health expenditure in 2015/16 60bn shillings or \$591m; veja também IBP Kenya Analysis of Budget Policy Statement 2016: <http://www.internationalbudget.org/wp-content/uploads/kenya-2016-budget-policy-statement-analysis.pdf>
- 26 Site do projeto The Purpose of the Corporation Project. "Behind the Purpose of the Corporation infographic". <http://www.purposeofcorporation.org/en/news/5009-behind-the-purpose-of-the-corporation-infographic>
- 27 A. Shah and A. Ramarathinam. (8 de junho de 2015). "Corporate dividend ratio payout at highest in at least 11 years". Livemint.com. <http://www.livemint.com/Companies/dfDBLg9PicEj1ITk9ltY4H/Corporate-dividend-payout-ratio-at-highest-in-at-least-11-ye.html>
- 28 "BlackRock CEO Larry Fink tells the world's biggest business leaders to stop worrying about short-term results". (2015). <http://www.businessinsider.com/larry-fink-letter-to-ceos-2015-4?IR=T>
- 29 J. Williamson. (28 de Julho de 2015). "Andy Haldane: Shareholder primacy is bad for economic growth". <http://touchstoneblog.org.uk/2015/07/andy-haldane-shareholder-primacy-is-bad-for-economic-growth/>
- 30 Site do Escritório Nacional de Estatística do Reino Unido (2015). "Ownership of UK Quoted Shares: 2014". <http://www.ons.gov.uk/economy/investmentpensionsandtrusts/bulletins/ownershipofukquotedshares/2015-09-02>
- 31 D. Hardoon, S. Ayele e R. Fuentes-Nieva. (2016). "Uma Economia para o 1%", op. cit.
- 32 ActionAid. 'Leaking revenue: How a big tax break to European gas companies has cost Nigeria billions'. 2016. <https://www.actionaid.org.uk/sites/default/files/publications/leakingrevenue.pdf>
- 33 G. Wheelwright. (25 de setembro de 2016). "What are the big tech companies lobbying for this election?". Site do *The Guardian*. <https://www.theguardian.com/technology/2016/sep/26/tech-news-lobby-election-taxes-tpn-national-security>
- 34 M. Stryszowska. (2012). "Estimation of Loss in Consumer Surplus Resulting from Excessive Pricing of Telecommunication Services in Mexico". Documentos da OCDE sobre a Economia Digital, No. 191, Editora da OCDE. <http://dx.doi.org/10.1787/5k9gtw51j4vb-en>. <http://www.oecd.org/centrodemexico/49539257.pdf>
- 35 Forbes. (2016). "The World's Billionaires". <http://www.forbes.com/billionaires/list/>
- 36 D. Jacobs. (2015). "Extreme Wealth Is Not Merited". Documento para Discussão da Oxfam. <https://www.oxfam.org/en/research/extreme-wealth-not-merited>
- 37 T. Piketty. (2014). *Capital in the Twenty-First Century*. Cambridge: Harvard University Press.
- 38 Site da revista *The Economist*. (23 de novembro de 2013). "Über-warehouses for the ultra-ric". <http://www.economist.com/news/briefing/21590353-ever-more-wealth-being-parked-fancy-storage-facilities-some-customers-they-are>
- 39 Lista de bilionários da Forbes de 2006 e 2016
- 40 N. Hanauer. (2014). 'The Pitchforks are Coming ... For Us Plutocrats'. http://politico.com/magazine/story/2014/06/the-pitchforks-are-coming-for-us-plutocrats-108014.html#U_S56MvdVfY
- 41 B. Harrington. (2016). "Capital Without Borders: Wealth Managers and the One Percent". Cambridge: Editora da Universidade de Harvard.
- 42 G. Zuchman. (2015). "The Hidden Wealth of Nations". Editora da Universidade de Chicago.
- 43 Site da data360. http://www.data360.org/dsg.aspx?Data_Set_Group_Id=475
- 44 Oxfam (2017, no prelo: "Commitment to reducing Inequality Index".
- 45 A. Cuadros. (2016). "Brazillionaires: Wealth, Power, Decadence and Hope in an American Country". <http://alexcuadros.com/brazillionaires/>
- 46 El País Brasil. (15 de Julho de 2016). "São Paulo: a metrópole dos helicópteros". http://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/14/politica/1468519702_827813.html
- 47 J. Mayer (2016). "Dark Money: The Hidden History of the Billionaires Behind the Rise of the Radical Right". https://www.amazon.com/Dark-Money-History-Billionaires-Radical/dp/0385535597/ref=la_B000APC6Q6_1_1/154-3729860-5160132?s=books&ie=UTF8&qid=1480689221&sr=1-1
- 48 D. Meadows. (2008). 'Thinking in Systems: A Primer'. White River Junction: Chelsea Green Publishing. p156.
- 49 J. D. Ostry, P. Loungani and D. Furceri (2016) 'Neoliberalism: Oversold?', *Finance & Development*, June

2016, IMF. <https://www.imf.org/external/pubs/ft/fandd/2016/06/pdf/ostry.pdf>

⁵⁰ Ibid

⁵¹ R.F. Kennedy. (1968). <https://www.jfklibrary.org/Research/Research-Aids/Ready-Reference/RFK-Speeches/Remarks-of-Robert-F-Kennedy-at-the-University-of-Kansas-March-18-1968.aspx>

⁵² <http://digital.library.upenn.edu/women/gilman/suffrage/su-socialist.html>

© Oxfam Internacional, Janeiro de 2017

Este documento foi redigido por Deborah Hardoon. A Oxfam gostaria de agradecer a assistência prestada por Max Lawson, Erinch Sahan, Katherine Trebek and Katy Wright na produção do documento. Esta análise faz parte de uma série de documentos elaborados para subsidiar debates públicos sobre questões relacionadas a políticas de desenvolvimento e humanitárias.

Para obter mais informações sobre as questões abordadas neste documento, favor enviar um e-mail para a Oxfam Brasil: contato@oxfam.org.br.

Esta publicação é protegida por direitos autorais, mas seu texto pode ser usado gratuitamente em ações de *advocacy*, em campanhas e para fins educacionais e de pesquisa, desde que a fonte seja citada na íntegra. O titular dos direitos autorais solicita que todas essas utilizações sejam registradas para que seus impactos possam ser devidamente avaliados. Para cópias em quaisquer outras circunstâncias, reutilização em outras publicações ou tradução ou adaptação, será necessário solicitar sua permissão e poderá ser cobrada uma taxa. E-mail: contato@oxfam.org.br.

As informações contidas nesta publicação estão corretas no momento da sua impressão.

Publicado pela Oxfam GB para a Oxfam Internacional sob o ISBN 978-0-85598-862-3 em janeiro de 2017.

Oxfam GB, Oxfam House, John Smith Drive, Cowley, Oxford, OX4 2JY, UK.

OXFAM

A Oxfam é uma confederação internacional de 20 organizações que trabalham em rede em mais de 90 países como parte de um movimento global em prol de mudanças necessárias e no intuito de construir um futuro livre da injustiça da pobreza. Favor entrar em contato com qualquer dessas organizações para obter informações adicionais ou visite o site www.oxfam.org.br

Oxfam América (www.oxfamamerica.org)

Oxfam Austrália (www.oxfam.org.au)

Oxfam na Bélgica (www.oxfamsol.be)

Oxfam Canadá (www.oxfam.ca)

Oxfam França (www.oxfamfrance.org)

Oxfam Alemanha (www.oxfam.de)

Oxfam GB (www.oxfam.org.uk)

Oxfam Hong Kong (www.oxfam.org.hk)

IBIS (Dinamarca) (www.ibis-global.org)

Oxfam Índia (www.oxfamindia.org)

Oxfam Intermon (Espanha)

(www.intermonoxfam.org)

Oxfam Irlanda (www.oxfamireland.org)

Oxfam Itália (www.oxfamitalia.org)

Oxfam Japão (www.oxfam.jp)

Oxfam México (www.oxfammexico.org)

Oxfam Nova Zelândia (www.oxfam.org.nz)

Oxfam Novib (Holanda) (www.oxfamnovib.nl)

Oxfam Quebec (www.oxfam.qc.ca)

Oxfam África do Sul (www.oxfam.org.za)

Observador:

Oxfam Brasil (www.oxfam.org.br)